

DOM QUIXOTE: A ROMANTIC KNIGHT

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.v0i50.45452>

PERIN, Conceição Solange Bution¹
OLIVEIRA, Marcela Rodrigues de²

RESUMO

Estudar a História, segundo Bloch (1886-1944), é fundamental para a humanidade não perder sua memória. Bosi (2014) aponta que a Arte e a História andam juntas, principalmente a Literatura, por condensar os maiores ímpetos, carências e conflitos de sua época. Logo, o contexto histórico é essencial para a compreensão de uma obra literária, e assim, a própria obra de arte se torna um documento de seu tempo, podendo ser fonte de investigação histórica. Cervantes, em sua obra *Dom Quixote*, escrito em 1605 e 1615, apresenta carências e excessos do homem que, há pouco medieval, inaugurava os tempos modernos. Constatou-se que através do anacronismo do protagonista, Cervantes constrói e desconstrói, por meio de seu herói, uma via de mão dupla: paródia e ode. Dialogando com as novelas de cavalaria, faz paródia das mesmas, mas ode a certas características medievais já esquecidas. Dom Quixote representa o próprio espírito romântico: inspirando-se no medievo, com saudosismo, é um anti-herói pecando por ser humano, demasiadamente humano, e por isso expressa as fragilidades da condição do homem, sendo inadequado para a realidade que, todavia, resiste e luta pelo seu ideal – é aí que está seu heroísmo e o agente transformador da realidade: o impulso da vontade.

Palavras-Chave: História; Arte e Literatura; Idade Média; Idade Moderna.

ABSTRACT

The study of History, according to Bloch (1886-1944), is fundamental so that humanity does not lose its memory. Bosi (2014) points out that Art and History have always walked in the same direction, specially Literature, because it condenses the greatest impetus, lack and conflicts of the time that was written. Thus, a glance at history becomes essential for the understanding of a literary work, and at a certain moment the work of art itself becomes a document of its time and can be a source of historical inquiry. Cervantes, with *Don Quixote*, written in 1605 and 1615, express all the needs and excesses of the man who, just a little while ago, had already opened modern times. It was verified that through the anachronism of the protagonist, Cervantes builds and deconstructs, through his hero, a two-way street: parody and ode. Dialoging with the chivalric romances, he parodies them. but praises certain medieval characteristics that have been unfed. Don Quixote represents the romantic spirit itself: in the midst of the Middle Ages, with a great deal of nostalgia, he is an anti-hero who sins for being human, too human, and therefore expresses the frailties of the condition of man, inadequate to reality, but still resists and fights for his ideal - that is where his heroism lies, and with it, the transforming agent of reality: the impulse of the will.

Keywords: History; Art and Literature; Middle Ages; Modern Ages.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, com Estágio na Universidade de Salamanca-ESP. Professora Adjunta do Colegiado de Pedagogia e do Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar - PPIFOR da Universidade Estadual do Paraná UNESPAR - campus/Paranavaí. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Ensino na Medievalidade, Modernidade e Contemporaneidade (GPEMC), pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade (GTSEAM/UEM) e integrante do Grupo GEMYR - Grupo de Estudios Medievales y Renascentistas (Madri-ESP).

² Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar pela Universidade Estadual do Paraná UNESPAR - campus/Paranavaí.

Introdução

O Tempo e a Arte sempre estiveram relacionados, sendo esta, fruto do primeiro, embora ela seja capaz de erguer sobre si ares atemporais: seja por sua adaptação a qualquer época, o que a torna sempre atual, seja por sua capacidade de não se limitar a nenhum dos tempos, logo, podendo corresponder a todos, de maneira sublime. Em ambos os casos, temos o tempo em si como o maior dos críticos da Arte, portanto, o ato de sobreviver a ele por si só consagra a Arte. E foi por essa prova de fogo que *Dom Quixote de La Mancha* atravessou séculos e suas poeiras – mas se ainda é capaz de comover e de estimular a produção de material intelectual, é porque o Tempo, carrasco de todos nós, não foi páreo para seu valor.

O castelhano Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) é um escritor consagrado, justamente por ser a síntese de sua época, e mais do que isso, crítico da mesma. Conseguiu sentir e transmitir, através de suas palavras, ao longo de sua obra *Dom Quixote* (duas partes publicadas em 1605 e 1615), todas as carências e excessos do homem que, há pouco medieval, já inaugurava, a passos largos, os tempos modernos – e é justamente isso que essa pesquisa e análise pretenderam compreender. Buscou-se, também, comparar *Dom Quixote* com a obra *Tirant lo Blanc*, escrita por Joanot Martorell, um dos livros mais importantes da literatura medieval que, ao contrário de *Dom Quixote*, encontrava-se nos últimos vestígios do mundo medieval.

Para produzir esta pesquisa, acreditou-se que, ao relacionar as duas obras seria possível traçar um paralelo sobre esse momento histórico de grandes e constantes transformações, que é a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, e todas as consequências dessas mudanças para a postura e comportamento do homem como sujeito no mundo.

Segundo Bosi (2014), Arte e História sempre caminharam no mesmo sentido, em especial a Literatura, que condensa em si os reflexos sociais dos conflitos, transformações e estratos em que está inserida. Isso acontece porque o drama humano, matéria-prima fundamental da literatura, é, por definição, engajado, pois todo homem representa uma parte de um todo, estando desse modo sujeito aos reflexos do ambiente social ao qual pertence. Logo, um olhar sobre a história se torna essencial para compreensão e aprofundamento da obra literária como um todo, sendo necessário às investigações voltarem-se para as perspectivas históricas que permeiam o texto, visão do autor e seu contexto durante a

construção da obra. Sendo que a própria produção artística, em determinado momento, também se transforma em um documento de seu tempo, permitindo a reflexão histórica.

Por sua vez, Bloch (2001) aponta que o registro histórico é feito a partir de fragmentos do passado, podendo vir em diferentes formas, relatos, fontes e autores. Todavia, um documento por si só não oferece uma perspectiva completa do passado, é preciso que esta exploração se torne ainda mais ampla. Motivo pelo qual a pesquisa de caráter bibliográfico precisa, em suma, investigar o contexto histórico.

Dessa forma, os estudos históricos se tornam a busca por indícios que possam sanar a ambiguidade que o próprio tempo impõe, pois, como diz o autor, “[...] o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2001, p. 75).

Paralelamente, o mesmo se dá com a literatura. Kundera (2007) aponta um caráter de ambiguidade que todo romance implica. Segundo o autor, o romance é um espaço entre concepções fechadas, cujo diálogo entre texto e leitor permite uma eterna reconstrução do sentido da obra, onde todas as verdades estão abertas para questionamentos e nada, em suma, é absoluto. O romance, por definição, se torna uma obra de questionamento, uma realidade ficcional e subjetiva, cujas fronteiras podem, inclusive, questionar as da realidade concreta e objetiva do leitor. Esses são alguns dos motivos pelos quais um romance torna é, sempre, uma obra inacabada, em constante renovação.

Bloch (2001) lembra que o estudo da história é fundamental para que a humanidade não perca sua própria memória, sendo que as narrativas e os textos que tinha por finalidade um leitor (ou público leitor) específico ocupam, nessa função, um papel de destaque. Além disso, o estudo dos relatos históricos é aberto às dúvidas e deve encarar tais relatos com desconfiança. Pois é do questionamento que se extrai a verdade, sendo que a crença é cega, como já se provou mais de uma vez ao longo da história, não sendo o atestado de uma verdade inquestionável, mas um retrocesso do pensamento, já que “[...] o verdadeiro progresso veio no dia em que a dúvida tornou-se ‘examinadora’; em que regras [objetivas] em outros termos foram pouco a pouco elaboradas, as quais, entre a mentira e a verdade, permitem uma triagem” (BLOCH, 2001, p. 90).

Assim, o autor conclui que a consciência crítica é fruto de um eterno questionar sobre a história. Um estado inquieto, sempre em busca de novos indícios ou das vozes ausentes no discurso já estabelecido. E, como tal, este projeto propõe um diálogo entre literatura e história, com destaque no gênero romanesco, justamente pelo caráter desmistificador da literatura, inovadora em sua essência ambígua e inquisitiva.

Assim, foi feita a análise de *Dom Quixote*, a fim de compreender não somente a obra em si, suas motivações e reflexos na história, como também o contexto o qual foi escrito. Para isso, procedeu-se à leitura e ao fichamento do livro *Para Compreender a Ciência*, de Maria Amália Andery e outros autores, que auxiliou o entendimento de como se desenvolveram cientificamente os períodos da Idade Média e Moderna, embora seja importante salientar que tais épocas englobam um intervalo grande de tempo, sendo impossível compreender, nessa perspectiva, uma análise completa de todas as transformações culturais, econômicas e sociais que ocorreram, já que somente a Idade Moderna tem dez séculos de duração.

Resultados e discussões

Dom Quixote de La Mancha, o primeiro grande romance da literatura universal, foi publicado pela primeira vez em Madrid, no ano de 1605, já no final do Renascimento. É frequentemente considerado o maior expoente da literatura espanhola, permanecendo popular através dos séculos e sendo, depois da Bíblia, o livro mais traduzido da literatura mundial.

Esse modo de pensar renascentista colocou o homem no centro do mundo, gerando um momento histórico ímpar, com transformações em todas as áreas. Foi também nesse período que o capitalismo se consolidou. Porém, como se sabe, nenhuma mudança de pensamento é brusca, logo, era constante a tensão entre a tentativa de conciliar Teocentrismo (medieval) com Antropocentrismo (Renascimento), e o Humanismo no meio, como elo de transição entre uma e outra visão de mundo. Afinal, os homens desse momento de transição são fruto dos dois mundos, portanto híbridos, possuidores de valores de ambas as eras, bem como suas respectivas inquietações e carências.

Nessa época, os romances de cavalaria eram bem populares e acabavam sendo bastante produzidos, muitas vezes com uma qualidade duvidosa, servindo, em alguns casos, basicamente para entreter – pelo menos, essa é a visão de Cervantes, e esses livros são o seu alvo. Por isso, em *Dom Quixote*, Cervantes faz uma paródia dos romances de cavalaria, ao mesmo tempo em que tece uma crítica ao mundo moderno, justamente por se encontrar com um pé na Idade Média e outro na Idade Moderna.

É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano) se dava a ler livros de cavalaria, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler; com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele gênero. (CERVANTES, *Dom Quixote*, I, 46).

Já de primeira, Cervantes constrói um cenário que demarca bem essa ideia de passagem entre a Idade Média e o tempo Moderno, pois o protagonista é apresentado como ~~sendo~~ um homem de meia idade, fidalgo aparentemente em falência, alheio às necessidades de seu tempo, que procrastina, viciado em livros de cavalaria, e acaba por perder a razão, acreditando que tudo o que leu era verídico.

Na história, o gosto de Dom Quixote por uma espécie de literatura ‘ultrapassada’, coloca-o como um homem deslocado de seu tempo. Ao longo da história, seu apreço por este tipo de literatura o torna uma figura essencialmente triste e cômica. Dom Quixote, personificação de um homem híbrido, sai em busca de aventuras através do mundo, tendo a perspectiva de mundo sedimentada em tempos medievais através de suas leituras, mas encontra-se com um mundo que não reconhece e nem reconhece a ele, pois está em transformação.

Por isso, sai em busca de aventuras na companhia de seu fiel escudeiro Sancho Pança (com a promessa de ganhar uma ilha para ser seu governador), com o objetivo de eternizar seu nome, ter sua fama e corrigir as injustiças do mundo. Enfrentam gigantes, exércitos, um mago inimigo, mas na verdade tudo não passa de imaginação e distorção da realidade, e justamente esse confronto realidade/imaginação, que causa humor no romance. Quixote, na sua insanidade, é a personificação do idealismo, enquanto Sancho se apresenta como parte do realismo, apesar de estarem no mesmo mundo.

Os sonhos de Dom Quixote eram, em suma, megalomaníacos. Ele não apenas acreditava ser um cavaleiro, mas um grande cavaleiro, talvez, o maior de seu tempo. E que o mundo sofria em sua ausência.

Fidalgo (ou seja, em decadência financeira, já que o termo significa “filho de algo”), alfabetizado e fascinado pelos livros, Quixote aprendeu muita coisa, partindo do dialeto mais antigo: “A linguagem que as tais fidalgas não entendiam, e o desajeitado do nosso cavaleiro, ainda acrescentavam nelas as risadas, e estas nele a zanga” (CERVANTES, *Dom Quixote*, II, 55). Portanto, por vezes Quixote é incompreendido com relação à sua fala, bem como por sua imaginação. É como se, literalmente, pertencesse a outro mundo, outra época; um notável cavaleiro que nasceu com alguns séculos de atraso. E, como o rude mundo moderno reage às coisas diferentes? Quando não com violência, com o riso debochado, o que gera reações coléricas de Quixote, que se zanga diversas vezes durante a história ao ser ridicularizado.

Isso também pode ser comprovado em outros trechos do romance, tanto o riso como forma de ridicularizar, como a estranheza da linguagem: “[...] e, por não acostumadas com

semelhante linguagem, olhavam para ele, e admiravam-se, parecendo-lhes não ser homem como os outros; e, agradecendo-lhe em estilo tabernático, o deixaram” (CERVANTES, *Dom Quixote*, XVI, 166).

A crítica da linguagem através dos séculos nos remete ao pensamento da língua como um organismo vivo, suscetível às mudanças e que, ao mesmo tempo, acompanha as transformações da sociedade e também a influencia a mudar, ao passo que o anacronismo de Dom Quixote levanta perguntas sobre o homem enquanto indivíduo e sua dificuldade em adaptar-se às mudanças repentinas – não que os costumes de cavalaria tenham mudado de uma hora para outra, pelo contrário; o que se diz aqui é que Dom Quixote é um fidalgo em decadência numa sociedade rude, o que possivelmente influenciou a sua fuga mental para a ficção de cavalaria, onde tudo era mais mágico, repleto de gigantes, exércitos, magos, vida repleta de significados e morte repleta de simbolismos.

Aqui há uma forma de repreensão por parte da sociedade, uma demonstração de força e agressividade, pois elimina algo de forma brusca sem se dar conta que levou ao isolamento do protagonista no seu mundo ficcional.

E sem querer cansar-se mais em ler livros de cavalarias, mandou à ama que tomasse todos os grandes, e arrumasse com eles para o pátio. Não o disse a nenhuma tonta nem surda, que mais vontade tinha ela própria de os ver queimados que de botar ao tear uma teia, por grande e fina que fosse; e, abraçando alguns oito de uma vez, os lançou pela janela fora. Como eram muitos, caiu-lhe um aos pés do barbeiro. Este teve apetite de ver o que seria, e viu que dizia: História do famoso Cavaleiro Tirante el blanco. — Valhanos Deus! — disse o cura em alta voz — Pois temos aqui Tirante el blanco? Dai-mo cá, senhor compadre, que faço de conta que nele achei um tesouro de contentamento, e mina para passatempos. (CERVANTES, *Dom Quixote*, VI, 86).

Aqui é feita uma citação bastante apaixonada sobre o romance épico *Tirant lo Blanc*. É uma obra importantíssima, escrita no século XV pelo valenciano Joanot Martorell numa época de fundamental importância para a História, por ser cenário de grandes transformações sociais, econômicas, culturais e políticas, dentre outras.

Sancho representa o oposto de Quixote: é prático, analfabeto, realista. É, na verdade, o que confronta a imaginação de Dom Quixote, pois onde o protagonista viu gigantes, Sancho viu os moinhos; onde Dom Quixote viu exército, ele viu manada de carneiros; e assim por diante. Nem por isso Quixote é impedido de continuar sua aventura, quando por exemplo decide enfrentar o moinho, achando que é gigante e é lançado longe. Isso talvez demonstre que Sancho comportou-se como a sociedade da época: avisou, apontou o erro, porém não fez

nada para impedir que seu mestre se machucasse. Sancho, então, era tal qual a sociedade: reprime o que lhe parece estranho, o que se encontra fora dos padrões, mas não auxilia o próximo, para não o contrariar, mesmo que assim tenha que ver o amo machucado.

Porém, em contrapartida, Sancho é um bom homem, mais suscetível à imaginação que o resto do seu ‘mundo’, pois quando não conseguia argumentar com seu amo, acabava com ele concordando. Pode ser que concordar com a loucura de um homem o incentive naquilo – como talvez ser cúmplice do declínio alheio – mas, para isso, teríamos que fazer uma mediação entre o que seria mais benéfico para Dom Quixote: continuar com suas visões e aventuras irrealis, ou cair na realidade, pouco mágica e, por vezes, bastante dura? Na verdade, apesar de tudo, Sancho sempre permanece ao lado de seu amo, como um fiel escudeiro, alimentando-o, levando e trazendo recados e, por vezes, safando-o de algum problema mais grave que fugia do seu controle.

O que não podemos negar é que a loucura de Dom Quixote acaba servindo como uma reação ao mundo moderno: do alto da ficção de sua mente, causa um efeito risível, mas de rompimento com a monotonia do mundo moderno em preto e branco, ao passo que sua gentileza de cavaleiro e seu valor como homem honrado, imaginariamente merecedor do título, agride o mundo rude que os rodeia. Ao longo de suas aventuras, por vezes, Quixote é confrontado por socos gratuitos, risos diversos, escárnio, enfim, muito desdém vindo da sociedade, pois é assim que a sociedade se porta diante de algo que quebra os padrões.

Porém, isso pode ser visto da seguinte forma: o principal motivo que levou Sancho a acompanhar Quixote é a promessa de uma ilha para governar. Isso mostra como a sociedade é frágil quanto às verdades, a partir do momento em que são feitas grandes propostas. Sancho acaba se sujeitando e, de certa forma, por motivos de ganância, rendendo-se à fantasia de Dom Quixote.

Dom Quixote, em vários trechos, demonstra com muito saudosismo a falta que a mentalidade medieval, por vezes, faz ao mundo moderno, através da crença em valores mais cristãos e focados na gentileza e coragem, Deus acima de tudo. Quixote inspira suas atitudes e espelha suas metas nos maiores nomes do romance de cavalaria e, através disso, coloca em contraste os valores adotados pela modernidade e as transformações que ocorreram na sociedade, desde a Idade Média, onde os cavaleiros eram mais comuns.

Como já dito, Tirant é citado em vários trechos do livro, e esse é um ponto interessante, pois foi escrito no século XV, momento caracterizado pelo fim da Idade Média e início da Idade Moderna. Entretanto, é importante enfatizar que tais “períodos” não são marcados por bruscas rupturas, não são opostos, mas sequentes, já que as bases fundantes do

pensamento Moderno surgem na Idade Média, como o caso do desenvolvimento do Renascimento, movimento que marca fortemente a Idade Moderna, mas que foi gestado na Idade Média, participando da mesma.

Chama-se de ‘Renascimento’, pois aqui acontece a redescoberta e a revalorização de certos aspectos culturais da Antiguidade. Mas, apesar disso, a visão de mundo Renascentista se opunha em partes à visão de mundo medieval, embora fossem complementares. E esse homem moderno tinha um ideal estabelecido – ele tinha de ser ao mesmo tempo um poeta, um erudito e um guerreiro.

Joanot Martorell pretende, então, ao mesmo tempo em que resgata valores esquecidos, como coragem e fidelidade (ao rei, a Deus ou a família) conserva, através de seus escritos, uma figura límpida do que era um exemplo de cavaleiro em sua época, evidenciando no prólogo a importância de preservar a história da humanidade, sendo o conhecimento da própria história de grande ajuda para a compreensão do homem enquanto ser, construtor de seu próprio tempo e história.

Como mostra a experiência, a fragilidade de nossa memória submete facilmente ao esquecimento não apenas os atos envelhecidos pelo afastamento no tempo, mas também os atos recentes de nossos dias. Daí, pois, ter sido mui oportuno, útil e conveniente por escrito as gestas e histórias antigas dos homens fortes e valorosos, para que sejam espelhos bem límpidos, exemplos e ensinamento virtuoso para a nossa vida, conforme prega o grande orador Túlio. (MARTORELL, 2004, p. 07).

Isso é interessante, visto que *Tirant* foi escrito antes de *Dom Quixote*, apresentando forte influência de ideias e valores medievais, como se pode conferir na citação acima, cumpre então o papel de resgatar e registrar valores. A história, como se sabe, sofre transformações lentas e nunca está estacionada. Portanto, os inícios e términos de eras são mais convenções do que de fatos incontestes. Mas se *Tirant* se apresentava em cima da linha de transição, *Quixote* estava do lado de cá; consideravelmente mais afastado do medievo e seus costumes e, portanto, mais próximo dos valores modernos e distorcidos, recheados de ganância, egoísmo etc. Nesse sentido, Cervantes cumpre também o papel de registrar valores esquecidos, mas de uma forma completamente diferente de Martorell, pois se utiliza da sátira e do humor, por vezes um tanto ácido.

Essa oposição de valores pode aparecer bem claramente no contraste do protagonista e seu fiel escudeiro: o idealismo da cavalaria e o realismo renascentista e picaresco são simbolizados nos dois. Dom Quixote representa o lado espiritual, sublime e nobre da natureza

humana por trás de toda essa loucura, de certa forma, representando o poder da imaginação e o caráter revolucionário do espírito inquieto dos homens sonhadores: “que maior contentamento pode haver neste mundo, ou que satisfação pode comparar-se à de vencer uma batalha, e triunfar do inimigo? Sem dúvida que nada chega a isso” (CERVANTES, *Dom Quixote*, XVIII, 182).

Sancho Pança, apesar da fidelidade ao amo, pode ser representante de um outro lado da história, o viés materialista, rude e animal do ser humano. Pela grande imaginação e talvez um pouco de loucura, Dom Quixote acaba se tornando um ser incapaz de se ver encaixado na realidade. Mas, aos poucos, reconhece essa sua falta de habilidade em adaptar-se no mundo (e perceber isso é uma característica de pessoa sã): “— Sancho amigo, hás de saber que eu nasci, por determinação do céu, nesta idade de ferro, para nela ressuscitar a de ouro (ou dourada, como se costuma dizer). Sou eu aquele para quem estão guardados os perigos, as grandes façanhas, e os valorosos feitos” (CERVANTES, *Dom Quixote*, XX, 200).

Quixote, sendo otimista e lúcido em sua observação, naquele momento histórico reconhece a diferença de seu modo de agir/pensar com o resto do mundo. Porém, acredita que é justamente essa a sua missão: trazer de volta coisas esquecidas da era do ‘ouro’. Trazer à tona posicionamentos considerados ultrapassados. Trazer, ao moderno, qualidades medievais e, quem sabe, um híbrido desse tempo – como *Tirant lo Blanc*, considerando que um escritor não pode deixar de sofrer influências de seu próprio tempo.

Ditosos e felicíssimos tempos, em que ao mundo veio o tão audaz cavaleiro Dom Quixote de la Mancha pela sua mui honrada determinação de restituir ao mundo a já quase esquecida ordem da cavalaria andante! Saboreamos nós agora, nesta idade tão falta de passatempos alegres, a doçura de estarmos lendo a sua verdadeira história e os contos que nela se travam como episódios; estes em boa parte não são menos agradáveis, artificiosos e verdadeiros que a história mesma. (CERVANTES, *Dom Quixote*, XXVIII, 305).

Podemos ver, então, mais atentamente no Volume 2, publicado em 1615, a atitude de Dom Quixote como sendo uma atitude romântica mais do que uma atitude de louco. Os românticos, outrora, buscaram na Idade Média seus valores na literatura. Dom Quixote não fez diferente. Ele não apenas reconhece seu papel na sociedade moderna – não como simplesmente um cavaleiro andante, mas sendo, neste ato ‘indiscreto’ (palavra usada como sinônimo de ‘lúcido’ ao longo das páginas, várias vezes), uma forma de resistência: de um lado, resgatando valores que já não existem; de outro, servindo-se de uma crítica em si, uma crítica aos novos valores nutridos pela época à qual pertence. Reconhece, ainda, que sua

época nem ao menos merece a presença de cavaleiros andantes, ao passo que não pode valorizá-los como deve; porém, salienta ainda que mesmo os últimos cavaleiros andantes de sua época não podem nem ser considerados cavaleiros andantes, pois não regam valores como outrora.

Dom Quixote termina sua divagação citando alguns dos cavaleiros andantes mais famosos, e mais uma vez cita *Tirant lo Blanc*, nesta tradução como “Tirant El Blanco”, como exemplo de cavaleiro de maiores “conciliadoras maneiras”: “Senão, digam-me: quem teve mais conciliadoras maneiras do que Tirante el Blanco? [...] Todos estes cavaleiros, e outros muitos, que eu poderia dizer, senhor cura, foram cavaleiros andantes, luz e glória da cavalaria” (CERVANTES, *Dom Quixote*, I, 20).

O homem moderno passa, à luz da ciência, a considerar tudo que fosse medieval como trevas. Nesse pacote também está a religião, a ficção, classificadas como meras crendices de pessoas ignorantes. Nem se considera o fato de que tudo o que há na Idade Moderna foi ‘gestado’ no medievo, porque afinal, nenhuma mudança é brusca e repentina. Isso fica claro, em diversos momentos do livro, inclusive no trecho abaixo, dezenas de páginas à frente:

— Muitas vezes disse — respondeu D. Quixote — o que torno a dizer agora: que a maior parte da gente imagina que não houve cavaleiros andantes; e por me parecer que, se o céu lhes não dá a entender milagrosamente que os houve e que os há, qualquer trabalho que se faça será baldado. (CERVANTES, *Dom Quixote*, XVIII, 144).

De maneira metalinguística, podemos dizer que de certa maneira *Dom Quixote de La Mancha* acaba sendo uma ode à criatividade, quando coloca o título de cavaleiro no mesmo patamar do ofício do escritor: o ofício do cavaleiro seria tão cheio de honra e aventuras como trabalha a mente de um escritor de ficção. Paralelamente, tece mais uma crítica à sociedade moderna, como em “— Ai! Desditosa de mim — disse a sobrinha — que também meu tio é poeta” (CERVANTES, *Dom Quixote*, VI, 55). Em meio à ironia, oposições e confusões metalinguísticas, *Dom Quixote de la Mancha* funciona como um contrarromance (tanto na crítica aos romances de cavalaria, que chegavam a ser burlescos, como também nas tantas inovações e intervenções do autor e mudança de foco da narrativa) que faz homenagens e faz reflexão sobre a importância do próprio romance e da ficção.

Disse virtudes, riquezas e liberalidades, porque o grande que for vicioso será um grande vicioso, e o opulento não liberal será um avaro mendigo, que ao possuidor das riquezas não o faz feliz o possuí-las, mas sim despendê-las, e não o gastá-las como quiser, mas saber empregá-las bem. Ao cavaleiro

pobre não lhe fica outro caminho para mostrar que é cavaleiro, senão o da virtude, sendo afável, cortês, comedido e serviçal, não soberbo, nem murmurador, nem arrogante, e, sobretudo, caritativo, que com dois maravedis que ele dê, com ânimo alegre, se mostrará tão liberal, como o que dá esmola com toque de sinos, e não haverá quem o veja adornado das referidas virtudes, que, ainda que o não conheça, deixe de o considerar homem de boa casta, e sempre o louvor foi prêmio da virtude. Há dois caminhos, por onde os homens podem chegar a ser ricos e considerados: um é o das letras, o outro o das armas. (CERVANTES, *Dom Quixote*, VI, 55)

Talvez, como mais uma forma de homenagem, no trecho a seguir, quando Quixote enfrenta um leão, ao *Tirant lo Blanc*, pois há um trecho parecido escrito por Martorell, quando Tirant, corajoso como nenhum outro, também enfrenta uma fera.

Até aqui chegou o extremo da sua nunca vista loucura; mas o generoso leão, mais comedido do que arrogante, não fazendo caso de ninharias nem de bravatas, depois de olhar para um e para outro lado, voltou os quartos traseiros para D. Quixote, e com grande fleuma e remanso tornou a deitar-se na jaula; vendo isto, D. Quixote ordenou ao guarda que o irritasse com pauladas, para o fazer sair. (CERVANTES, *Dom Quixote*, XVII, 135-136).

A ideia de Sancho Pança possuir uma ilha, promessa de Dom Quixote desde o começo da história, e condição para Sancho acompanhá-lo, não passava – até aqui – de utopia. Aqui apresentada não literalmente como uma ilha, mas um lugar que não se sabe onde, podendo ser qualquer lugar, ou lugar nenhum, um anti-lugar, em certo momento da história Sancho passa a governá-la. Chamar de ‘ilha’, e Pança tê-la como objeto de desejo, diz muito sobre o espírito do homem moderno: individualista e às vezes por demais pretensioso e ambicioso, queria governar um lugar afastado dos demais, longe, sem tanto diálogo com os outros. A ideia é uma utopia por si só de dois modos – ideia por demais idealizada; Sancho, como governador, é impossível de acontecer. A intenção de não dar nome ao lugar quando Sancho finalmente vira governador, “terra que ele [Sancho] tomava por ilha” (CERVANTES, *Dom Quixote*, XXIX, 320), da ilha do seu governo, “que ele nunca averiguou se fora ilha, cidade, vila ou lugar que governara” (CERVANTES, *Dom Quixote*, XXXIX, 439) tem a intenção de dizer “só mesmo um lugar não-lugar, ou sabe-se lá que lugar, Sancho poderia governar”. Porém, apesar disso, Sancho ouve conselhos de seu amo e passa a governar um lugar chamado Ilha de Baratária.

Porém, ao decorrer da história, percebe-se que Sancho não fica feliz com seu título de governador da ilha. Não se adaptou à burocracia inerente a uma responsabilidade tão grande como essa e, apesar da decepção ter sido gradual, culmina num momento em que, depois

disso, o faz desistir de sua ilha. Esse é o momento em que, cansado e desiludido, acaba desabafando com seu cavalo Ruço, antigo companheiro, enquanto o abraça. Nesse momento, pode-se ver que Pança se considera mais parecido com o seu cavalo, um animal, do que com governadores que costumam ‘governar ilhas’.

Acabou, enfim, de se vestir, e, pouco a pouco, porque estava moído e não podia andar muito rapidamente, foi à cavalaria, seguindo-o todos os que ali se achavam, e, chegando-se ao ruço, abraçou-o, e deu-lhe na testa um ósculo de paz, e, com as lágrimas nos olhos, disse-lhe: — Vinde cá, meu companheiro e meu amigo, que tendes suportado uma parte dos meus trabalhos e misérias; quando eu andava convosco, e não pensava senão em arremendar os vossos aparelhos, e em sustentar o vosso corpinho, ditosas horas, ditosos dias e ditosos anos eram os meus; mas, desde que vos deixei e trepei às torres da ambição e da soberba, entraram-me, pela alma dentro, mil misérias, mil trabalhos, e quatro mil desassossegos. (CERVANTES, *Dom Quixote*, LIII, 435).

Depois desse trecho, Sancho decide-se por dar fim à vida de governador, objetivo pelo qual se tornou escudeiro de Dom Quixote, e volta a acompanhar o amo em nome da liberdade. Agora, sem ter motivos aparentes (pois já havia conseguido o que queria e acabou desistindo disso), volta a ser escudeiro, e dessa vez é espontâneo e ainda mais sem sentido (afinal, Pança nunca de fato ‘acreditou’ nas histórias de D. Quixote, só o fazia para alcançar objetivos pessoais). Isso mostra um pouco da Quixotização de Sancho: agora, ele age em nome próprio, em nome da liberdade individual e da capacidade adquirida por Quixote de expressar-se como bem entende, sem se importar com o que a sociedade acha. A liberdade, que outrora fora constrangedora, torna-se agora viciante para Sancho. “— Abri caminho, senhores meus, e deixai-me voltar à minha antiga liberdade; deixai-me ir buscar a vida passada, para que me ressuscite desta morte presente. Eu não nasci para ser governador, nem para defender ilhas nem cidades dos inimigos que as quiserem acometer” (CERVANTES, *Dom Quixote*, LIII, 436).

Há uma mudança de tom do primeiro volume para o segundo. No primeiro, a comicidade é mais evidente; o segundo apresenta um tom mais sombrio de quem, aos poucos, cai em si. Dom Quixote, ao passo que a história progride, vai se mostrando mais ciente da realidade, cada vez mais desiludido. Em certo ponto, após travar um combate com um cavaleiro, combina que, após o confronto, ficaria algum tempo sem sair de casa; só depois disso voltaria a ser cavaleiro andante. Porém, infelizmente, esse momento não chega: ao voltar para casa, ao fim de três viagens (recheadas de outras inúmeras aventuras menores),

Dom Quixote acaba ficando por ali: cai na desilusão e, aos poucos, volta a se transformar em Alonso Quijano – já não era mais Dom Quixote.

— Dai-me alvíssaras, bons senhores, que já não sou D. Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, que adquiri pelos meus costumes o apelido de Bom. Já sou inimigo de Amadis de Gaula e da infinita caterva da sua linhagem; já me são odiosas todas as histórias profanas de cavalaria andante; já conheço a minha necedade e o perigo em que me pôs o tê-las lido; já por misericórdia de Deus, e bem escarmentado, as abomino [...] o que foi já não é: fui louco e estou hoje em meu juízo; fui D. Quixote de la Mancha, e sou agora, como disse, Alonso Quijano, o Bom; possam o meu arrependimento e a minha verdade restituir-me a estima em que Vossas Mercês me tinham, e prossiga para diante o senhor tabelião. (CERVANTES, *Dom Quixote*, LXXIV, 593-594)

Reconhece então os livros de cavalaria como culpados de sua insanidade temporária, pois neles acreditou, inspirou-se e realizou tais viagens.

— As misericórdias, sobrinha — respondeu D. Quixote — são as que neste momento Deus teve comigo, sem as impedirem, como disse, os meus pecados. [...] Tenho o juízo já livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância com que o ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros das cavalarias. Já conheço os seus disparates e os seus emblecos e só me pesa ter chegado tão tarde este desengano, que não me desse tempo para me emendar, lendo outros que fossem luz da alma. (CERVANTES, *Dom Quixote*, LXXIV, 592).

Porém, a realidade vem como um tiro, ou um golpe de espada, das mais certeiras e afiadas: Dom Quixote, ao deixar de ser Dom Quixote, mata sua imaginação, engendrando com ela a esperança, o otimismo, o altruísmo, a fidelidade, a dedicação e a religiosidade (e outras diversas qualidades de um bom cavaleiro medieval) – características essas julgadas ao decorrer das centenas de páginas do livro. Afinal, o homem moderno já não convivia diariamente com essas qualidades, que passavam a ser consideradas características de simplórios, de loucos. Porém, é possível constatar que, ao acabar com a sua imaginação – passando a crer que as histórias de cavalaria não são passadas de ficção – também destroem a si mesmo e a morte estava prestes a arrebatá-lo – e disso todos eram conscientes, inclusive o próprio Alonso Quijano.

— Os contos, que até agora têm sido verdadeiros só em meu prejuízo — respondeu D. Quixote — espero que a minha morte os mude, com o auxílio do céu, em meu proveito. Sinto, senhores, que a morte vem correndo; deixem-se de burlas e tragam-me um padre a quem eu me confesse e um tabelião que faça o meu testamento, que em transe como este não há-de um

homem brincar com a sua alma; e assim, peço que, enquanto o senhor cura me atende, vão depressa buscar-me um notário. [...] Olhavam uns para os outros, admirados das razões de D. Quixote, e sempre o quiseram acreditar, apesar de ainda estarem em dúvida; e um dos sinais por onde conjecturaram que ele morria, foi por ele se ter mudado com tanta facilidade de doido em assisado, porque às razões já mencionadas acrescentou outras, tão bem ditas, tão cristãs e de tanto acerto, que de todo lhes tirou as dúvidas e lhes fez crer que estava bom. (CERVANTES, *Dom Quixote*, LXXIV, 593).

Sancho Pança, no início da história, se portava ao contrário de Dom Quixote, até mesmo fisicamente. Ele era algo que o movia para a realidade. Como já foi dito, onde Quixote via gigantes, Sancho via moinhos e etc. Só incentivava os disparates do seu amo para tirar vantagem dele: espírito totalmente moderno; um personagem de personalidade até generalizadora – ao passo que D. Quixote apresenta características opostas, no mínimo incomuns. Mas, ao decorrer da história, Sancho vai se “Quixotizando”, até que os personagens percebem, como no trecho a seguir: “ — Deus lhe dê remédio — tornou o cura — e estejamos à mira; veremos em que pára esta máquina de disparates com semelhante cavaleiro, e semelhante escudeiro, que parece que os tiraram a ambos da mesma pedra, e que as loucuras do amo, sem as necedades do criado, não valeriam coisa alguma” (CERVANTES, *Dom Quixote*, II, 26). Ao chorar pela morte iminente de seu amo, constata-se uma mudança avassaladora em sua personalidade.

— Ai! — respondeu Sancho Pança, chorando — não morra Vossa Mercê, senhor meu amo, mas tome o meu conselho e viva muitos anos, porque a maior loucura que pode fazer um homem nesta vida é deixar-se morrer sem mais nem mais, sem ninguém nos matar, nem darem cabo de nós outras mãos que não sejam as da melancolia. Olhe, não me seja Vossa Mercê preguiçoso, levante-se dessa cama e vamos para o campo vestidos de pastores, como combinámos. Talvez em alguma mata encontremos a senhora dona Dulcinéia desencantada, que não haja aí mais que ver. Se morre de pesar de se ver vencido, deite-me as culpas a mim, dizendo que por eu ter apertado mal as silhas de Rocinante é que o derrubaram; tanto mais, que Vossa Mercê há-de ter visto nos seus livros de cavalarias ser coisa ordinária derribarem-se os cavaleiros uns aos outros, e o que é hoje vencido ser vencedor amanhã. (CERVANTES, *Dom Quixote*, LXXIV, 594).

Aqui, Sancho puxa Alonso para o mundo Quixoteano, não o quer desiludido com a realidade; exalta-o e tenta resgatar suas fabulações; procura reacender qualquer fagulha de loucura para tê-lo de volta – não tão são, mas saudável ao menos.

O autor, de uma maneira inovadora – no decorrer da história polifônica de Cervantes, várias vezes altera o foco do narrador – por fim, ele escreve aproximando-se do criador sua obra, a obra com o seu criador – Cervantes com Quixote, Quixote com Cervantes,

confessando sua íntima admiração pelo desafortunado cavaleiro andante, exaltando-o, ao passo que se confunde com ele, identificando-se com o espírito inquieto e ousado. Aqui, termina zombando das histórias de cavalaria, ao constatar que muitas das histórias fingidas e ultra imaginativas de seu herói se encontram com as histórias de romances de cavalaria mais que famosos e bem vistos.

Ao final, fica a impressão de que Quixote não pode ser considerado uma comédia, pelo tom por vezes obscuro e até mesmo tristonho, de nostalgia, denúncia e desilusão; mas também não pode ser considerado tragédia, pois o próprio autor não o encara dessa forma – o próprio herói, de fato, não se leva tão a sério assim. Ao decorrer das histórias, percebe-se que, através deste brilhante exercício literário que é ler Dom Quixote, o leitor pode constatar duas formas de ver a loucura do protagonista: uma, da loucura patológica, de não conseguir enxergar a realidade como ela é – o que causa a comicidade da história – e a outra, de cunho filosófico, da que somente um louco lutaria para transformar a própria realidade.

E, apesar de do Dom Quixote ter morrido como Alonso Quijano – em leito, e não em batalha, como um famoso e bem visto cavaleiro medieval mereceria, pode-se concluir que Dom Quixote consegue sim transformar sua realidade – ainda que somente ao despertar, perturbar ou aborrecer os personagens adormecidos pela correria moderna, luz de racionalidade, mas nas trevas, em relação ao poder imaginativo. A loucura de Dom Quixote ilumina essas pessoas, e ilumina com alegre indiferença, com alegre confusão, com alegre contorno e adaptação de circunstâncias. Dito isso, pode-se afirmar que Dom Quixote é um louvor à liberdade individual, louvor à rejeição da realidade – quando essa não lhe agrada. A crítica do livro encontra-se justamente nessa rejeição.

O livro de Miguel de Cervantes retoma a história do povo espanhol e da Europa e, através do anacronismo do protagonista, retrata as aventuras de seus inúmeros cavaleiros, sendo por isso, muitas vezes creditado como o último romance de cavalaria. Ao passo que satiriza de forma informal as novelas de cavalaria, Cervantes critica também as atitudes da sociedade, o desprezo para com o próximo e a grande tendência para o desdém e como alguns componentes da sociedade podem ter influenciado a perda da sanidade. Ou seja, a recusa de viver a realidade por parte de Dom Quixote, refugiando-se na fantasia em busca de um mundo com mais perigos e aventuras, muito diferente da sua realidade. Dom Quixote é um homem inquieto, que na sua insistência em viver de ilusão, agride a indiferença amortecida da sociedade e, ao mesmo tempo, procura por mudanças por si só.

Repleto de pêndulos e contrastes, Cervantes constrói e desconstrói, através de seu herói e de seu fiel escudeiro, uma via de mão dupla: paródia e ode. Paródia dos romances de

cavalaria (muitos escritos sem preocupação e qualidade, somente para vender), mas ode a certas características medievais há muito não nutridas. De uma forma tocante demais para ser apenas comédia, e cômica o bastante para ser drama. Seu protagonista, que encarna o próprio espírito romântico, é um anti-herói que peca por ser humano, demasiadamente humano. E por isso, expressa todas as dimensões modestas e frágeis da condição do homem e, por vezes, se reconhece inadequado para a realidade. Mas ainda assim resiste e luta pelo seu ideal – é aí que está seu heroísmo e, com ele, o agente transformador da realidade: o impulso da vontade.

Cervantes faz com que seu texto dialogue com as novelas de cavalaria e, por meio de inúmeras inovações e liberdade de escrita - que acabam redefinindo uma nova concepção de literatura e inaugurando o romance moderno - arquiteta uma espécie de antirromance romântico, com um anti-herói heroico, que atravessa centenas de anos e ainda consegue entreter, divertir e tocar o leitor pois, acima de tudo, é uma homenagem à criatividade, à liberdade e ao poder da imaginação – essa sim, ilimitada.

Considerações finais

O gênero romanesco e o desenvolvimento da identidade do homem estão intimamente ligados. Lukács (2009) reconhece, em sua forma, uma linguagem interiorizada que vai ao encontro do estado isolado do homem moderno, confinado dentro de suas próprias faculdades emocionais e existenciais. Deste modo, o romance surge como ecos de uma geração dividida em pedaços e desprovida de uma base, enquanto essas mesmas características se deterioram ainda mais. O rompimento com os gêneros passados é inevitável, porque a estabilidade resoluta de antes não pode mais comportar a complexidade existencial, anulando a possibilidade de gêneros puros e de fácil demarcação. As formas se confundem, se refazem, assim como o homem.

É nesse contexto que Dom Quixote deixa sua casa para ir atrás de aventuras, num mundo que se ampliava diante dele, não tendo mais condições de se reconhecer e se identificar com uma sociedade que se fragmenta e que se encontra perdida entre dois tempos (Idade Média e Moderna). É disso que Cervantes retira o material para seu *Dom Quixote de la Mancha*.

Dom Quixote é uma síntese que reflete, em suas carências e excessos, através de um tom por vezes cômico, o espírito moderno. Seus olhos se voltam para um passado glorioso, mas que, através de uma roupagem burlesca, acaba criticando o anacronismo daquele tempo através do culto às novelas de cavalaria, cada vez mais ultrapassadas e feitas somente para entreter. Mas, além disso, a obra de Cervantes se torna valorosa, ao conseguir expressar as

inquietações que inauguram o mundo moderno.

Assim como Dom Quixote, os homens desses novos tempos, um tanto quanto híbridos, conseguem assumir uma postura inédita, justamente por essa mescla de valores vir de ambas as Idades. Compreende-se, também, que Cervantes, por meio de uma elaborada narrativa e estrutura serpenteada inaugura o romance moderno, mediante sua liberdade de escrita e criação.

Dom Quixote é fruto de toda essa liberdade de criação e, por isso, ele próprio se configura como uma ode à liberdade individual e um hino à imaginação. Ao passo que se recusa a aceitar a realidade que a ele não parecia ideal, ele a transforma, tornando-se assim um agente mediador entre a realidade/imaginação, moldando a própria concepção de verdade. O personagem evolui e, em certo ponto, percebe-se que sua ‘loucura’ não o exclui de ter uma visão racional das coisas: a percepção de louco pode ser conciliada com eficácia à sua percepção racional das coisas e, no fim das contas, Dom Quixote entende o mundo de uma maneira fora do comum e bastante original.

Com toda essa exaltação da liberdade, esse olhar incomum e essa busca de influência na Idade Média, juntamente com o saudosismo e a visão pessimista do mundo moderno, é possível traçar um paralelo entre o personagem Dom Quixote com o espírito romântico. Afinal, segundo Lukács (2009), a forma do romance moderno, como o reflexo do homem moderno, que, em suma, se configura na linguagem do desabrigo existencial, assume a forma naturalmente romântica por excelência.

Na introdução desta pesquisa enuncia-se que o tempo e a arte sempre estiveram relacionados. Ao final, percebe-se que além do tempo ser crítico da arte, a arte é um dos maiores instrumentos para compreender o tempo. Estudar uma obra literária é compreender a própria história. O próprio fazer histórico acaba demarcando traços da época presente, mais do que da passada. Isso porque cada época pesquisa e elenca os temas que mais lhe interessam - temas que falam, direta ou indiretamente, de inquietações e convicções de seu tempo. E é por isso que Dom Quixote é atemporal – pois, independente da época, ao transcorrer dos séculos, sempre foi motivo de produção intelectual.

Referências

ANDERY, M. A. *et al.* **Para compreender a Ciência: Uma perspectiva histórica.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012, 436 p.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2001, 160 p.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Trad. Viscondes de C. A. Parte I. São Paulo: *Martin Claret*, 2007. 2 partes.

KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 153 p.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000, 240 p.

MARTORELL, Joanot. **Tirant lo Blanc**. São Paulo: Giordano, 2004, 856 p.

Recebido em	19/11/2018
Aceito em	19/04/2019